

NARRATIVAS SOBRE UM PROCESSO TRAUMÁTICO: A MEMÓRIA EM *EL MAR Y LA SERPIENTE*, DE PAULA BOMBARA

*Graziela Maria Lazzari*¹

*Raquel Silveira*²

*Rosane Maria Cardoso*³

Resumo: Este artigo traça reflexões sobre as concepções de memória e de experiência traumática no contexto de *El mar y la serpiente*, de Paula Bombara. A análise concentra-se na protagonista que, ao questionar os silêncios do passado, paradoxalmente enfrenta o esquecimento de fatos da sua infância vivida durante a última ditadura militar argentina. É importante mencionar o contexto histórico argentino na contextualização da narrativa, marcado por golpes de Estado, violações dos direitos humanos e liberdade de expressão, território propício ao surgimento de memórias traumáticas. O enredo revela a luta da protagonista para desvendar sua narrativa pessoal e resgatar memórias apagadas pela história oficial, explorando a relação entre memória e trauma em diferentes respostas da própria memória, o que fortalece o papel da literatura na luta contra o esquecimento, proporcionando voz às experiências outrora silenciadas.

Palavras-chave: Memória; Experiência traumática; Literatura juvenil; Ditadura Argentina.

Introdução

Conforme a história oficial, nos meados do século XX a Argentina passou por seis golpes de Estado, impostos por ditadores que não consideravam os direitos humanos. E, como consequência desta violação, milhares de pessoas desapareceram. Segundo esses dados históricos, podemos resumir que na década de 30, a Argentina foi testemunha de um golpe que marcaria profundamente a política do país. Neste ano, o general José Félix Uriburu liderou o golpe que resultou na queda do governo democraticamente eleito de Hipólito Yrigoyen. Esse evento

1 Mestranda em Letras (UNISC), neuropsicopedagoga e professora da rede estadual de ensino no Rio Grande do Sul. Assessora Pedagógica na 6ª Coordenadoria Regional de Educação. Docente dos cursos de Letras e Pedagogia e pós-graduação pela Faculdade Censupeg, colaboradora dos cursos de pós-graduação (Unifasec).

2 Mestranda em Letras (UNISC), Supervisora educacional da rede municipal de ensino de Taquari/RS.

3 Doutora em Teoria Literária (PUC), Pós-Doc em Granada/Espanha. Docente do curso de Letras e PPG Letras (Unisc), PPG Literatura e Cultura (UCS) e colaboradora PPG Literatura e História da Fundação (FURG).

inaugurou um período de instabilidade política que perdurou ao longo da década, consolidando a presença militar na política Argentina.

Anos mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, em 1943, um novo golpe militar aconteceu, liderado pelo general Arturo Rawson, que marcou o início do peronismo, um movimento político liderado por Juan Domingo Perón, que viria a exercer uma influência significativa na política nas décadas seguintes. Então, o peronismo foi um período que enfrentou a resistência de setores da sociedade e das Forças Armadas, motivado por divergências políticas e ideológicas. O que culminou, em 1955, com um golpe militar que depôs Perón, resultando em uma série de governos interinos e períodos de instabilidade.

Quase uma década depois, outro golpe foi liderado pelo general Juan Carlos Onganía para derrubar o governo democrático de Arturo Illia. Esse golpe estabeleceu uma ditadura militar que durou de 1966 até 1973, marcada por repressão política, censura e violações dos direitos humanos.

Nessa mesma época Juan Domingo Perón retornou ao poder democraticamente, mas sua morte - pouco tempo depois - deixou um vácuo político. A instabilidade resultante culminou no golpe militar de 1976, que deu início à última e mais sombria repressão na Argentina. Este período é conhecido pelas violações maciças dos direitos humanos, desaparecimentos forçados e repressão política. E, finalmente, a tirania terminou em 1983, com o retorno à democracia. O processo de redemocratização foi gradual, e uma nova Constituição foi promulgada. Esse período foi marcado por esforços para lidar com os crimes cometidos durante a ditadura e estabelecer uma base sólida para o sistema democrático.

Porém, em 1989, a Argentina testemunhou outro golpe militar conhecido como “Caracazo”, que resultou na queda do governo de Raúl Alfonsín. O golpe foi liderado pelo então general Carlos Menem, que rapidamente convocou eleições e assumiu a presidência democraticamente. As consequências deram margem à crise econômica de 2001, que levou à renúncia do presidente Fernando de la Rúa. O país enfrentou uma série de protestos e instabilidade política, demonstrando as complexidades e desafios enfrentados pela Argentina ao longo do século XX em sua busca por estabilidade política e institucional.

As narrativas hispano-americanas nos desvelam que, após a queda de Isabel de Perón, em 1955, as repercussões assolavam - e ainda assolam e ferem - a memória de uma população: os desaparecimentos sem explicação alguma. O fato de não saber ao certo o que aconteceu, como aconteceu e onde se encontram os corpos dessas pessoas que literalmente sumiram traz uma sensação de vazio, de impotência. Além disso, os lapsos de memória vão se intensificando, se silenciando a partir das vozes caladas, da opressão que atormenta a família dos desaparecidos e daqueles que simplesmente não falam sobre o que aconteceu. A literatura exerce um papel importante nesse sentido: o de preservar memórias traumáticas, ‘perdidas’ em um contexto de desalento e que impactam no desenvolvimento socioemocional

e a preservação de uma memória subjacente à versão oficial. Foi nesse contexto que Paula Bombara deu vida ao enredo de *El mar y la serpiente*.

2 Experiência e memória traumáticas

A escritora Paula Bombara nasceu em Bahia Blanca, Buenos Aires, em 1972, poucos anos antes do início da última ditadura militar argentina. Formada em bioquímica, Bombara abandonou a profissão científica para dedicar-se inteiramente à literatura, campo em que tem sido reconhecida como um expoente, sobretudo em textos dedicados à infância. Suas obras mais conhecidas são *El mar y la serpiente* e sua participação na antologia *Quien soy - Relatos sobre identidad, nietos y reencuentros* (CalibroscoPIO, 2013). Em ambos os trabalhos, Bombara assinala a situação que marcou sua infância: o conflito que, entre 1976 e 1983, foi constituído por tortura, opressão, morte e desaparecimentos. Em *El mar y la serpiente*, especificamente, a autora constrói uma narrativa sobre a experiência de uma menina, da infância à adolescência que, em meio aos acontecimentos que incluem o desaparecimento dos pais, mudanças e medo, tem sua memória praticamente apagada.

Para entender um pouco mais sobre o contexto da obra de Bombara, tema deste artigo, publicado em 2005, é importante conhecer o conceito de memória, aqui do ponto de vista relacionado ao apagamento da história e seus impactos na coletividade. Como assinala Jelin (2000), “En cualquier momento y lugar es imposible encontrar una memoria, una visión y una interpretación únicas del pasado compartidas por toda una sociedad. Lo que hay es una lucha política, y no pocas veces esa lucha es concebida en términos de lucha contra el olvido” (p.100).

Michael Pollak (1985) argumenta que a memória não é apenas um registro neutro do passado, mas também uma construção ativa que pode ser moldada por forças sociais e políticas. Ele destaca como grupos sociais, especialmente aqueles que foram oprimidos ou marginalizados, podem usar a memória como uma ferramenta de resistência e afirmação de identidade. As perspectivas de Pollak (1985) enfatizam a importância de abordagens considerar a dimensão social e política da memória, assim como Bombara (2009) demonstra em sua obra.

Pode-se destacar que uma experiência traumática é um evento ou série de eventos que causam um impacto emocional profundo e duradouro em uma pessoa, ou em um grupo. Esses eventos têm a capacidade de sobrecarregar o controle de enfrentamento natural do indivíduo, levando a uma sensação avassaladora de perigo, impotência e sofrimento. Experiências traumáticas podem variar em natureza e gravidade, abrangendo desde eventos únicos e intensamente perturbadores até situações contínuas e prolongadas de saúde mental e emocional. Alguns aspectos-chave das experiências traumáticas incluem as características de intensidade emocional excepcionalmente alta, desencadeadas por medo, terror, choque, desespero e tristeza profunda e que por um trauma: a memória traumática. Jelin (2000) aborda as experiências traumática e o impacto que provocam:

Una de las características de las experiencias traumáticas es la masividad del impacto que provocan, creando un hueco en la capacidad de ser hablado o contado. Se provoca un agujero en la capacidad de representación psíquica. Faltan las palabras, faltan los recuerdos. La memoria queda desarticulada y sólo aparecen huellas dolorosas, patologías y silencios. Lo traumático altera la temporalidad de otros procesos psíquicos y la memoria no los puede tomar, no puede recuperar ni transmitir o comunicar lo vivido. (...) Aún aquellos que vivieron el acontecimiento deben, para poder transformarlo en experiencia, encontrar las palabras, ubicarse en un marco cultural que haga posible la comunicación y la transmisión. Esto lleva a reconceptualizar lo que en el sentido común se denomina transmisión (Jelin, 2000).

O efeito traumático está intrinsecamente relacionado à memória, como por exemplo, em *El mar y la serpiente*, em que, após o desaparecimento de seu pai, a protagonista passa a viver uma série de situações que a mantêm alienada da vida ao seu redor. Ninguém pode elucidar o que está acontecendo em sua casa, sobre o porquê dessa vida clandestina, da fuga de sua mãe, dos mistérios incontáveis da avó, dos silêncios que sequer entende, mas que deve guardar. Com o passar do tempo, ela mesma se encarrega de esquecer desses episódios e as lacunas adormecem. A memória daquela época é reconstruída na criação literária, em uma viagem para o seu eu, um olhar para dentro de si mesma.

Nesse estilo meticulosamente elaborado, repleto de minúcias e permeado por emoções e recordações, o leitor permanece envolvido até o desfecho da obra, atento às situações vividas pela protagonista, explorando seus pensamentos, dúvidas e questionamentos. Esse enfoque na memória destaca como ela é construída, reconhecendo a limitação de experimentar com precisão os sentimentos e sensações descritos por outros. No entanto, neste texto específico, é possível se aproximar consideravelmente da realidade da personagem principal, graças à narrativa que evoca empatia, estimula a imaginação e transmite a angústia dos eventos com uma notável inocência.

Na obra de Bombara, a interconexão entre memória e experiências traumáticas revela a complexidade desse fenômeno. A influência do trauma na memória é multifacetada, manifestando-se através de lembranças fragmentadas, lacunas e até mesmo repressão. A literatura, por sua vez, emerge como uma poderosa ferramenta na preservação da memória, contrapondo-se ao esquecimento, especialmente diante de experiências traumáticas. As diversas formas de resposta da memória a traumas, são moldadas de acordo com as experiências e vivências individuais.

Assim, o contínuo conflito por esquecimento, muitas vezes acompanhado por bloqueios, destaca-se como uma reação humana compreensível diante do peso do trauma. Contudo, persiste a prática da “luta contra o esquecimento”, evidenciando os esforços incessantes de indivíduos, comunidades e sociedades em preservar e recordar eventos significativos, notadamente quando se trata de experiências traumáticas, históricas ou culturais. Este empenho reflete a conscientização sobre o risco de perda ou distorção dessas narrativas ao longo do tempo, destacando

a importância de se manter viva a memória, inclusive, a memória coletiva, cujo conceito refere-se à forma como um grupo social ou uma comunidade compartilha, constrói e preserva suas lembranças compartilhadas do passado.

3 Em busca das lembranças

As narrativas das memórias traumáticas são uma valiosa contribuição que a literatura, o cinema, as manifestações artísticas propõem perpetuar. Entretanto, é sempre necessário ponderar a veracidade ou a verossimilhança dos fatos e memórias a fim de não melindrar ou distorcer o que aconteceu. Conforme Cardoso (2021): “En las últimas décadas, incluso, son frecuentes las críticas al boom de la memoria y al consecuente abuso de los medios de comunicación alrededor del pasado traumático resultante de la dictadura.”

Contudo, as memórias são enigmáticas e nos transcendem para outros tempos e espaços que possibilitam à (re)conectar emoções e interligar com a própria história, com a própria experiência de vida. Jelin (2012) argumenta que as experiências traumáticas coletivas, como as vivenciadas durante ditaduras e períodos autoritários, criam um impacto massivo que pode resultar em lacunas e silêncios na memória social.

Sob a ótica de Jelin, a preservação das memórias traumáticas não é apenas uma questão de lembrar o passado, mas também de criar significado a partir dessas lembranças, de integrar as experiências traumáticas na narrativa coletiva de uma sociedade. A literatura, especialmente quando se volta para temas traumáticos, desempenha um papel crucial nesse processo, proporcionando um espaço para a expressão, reflexão e preservação das memórias que, de outra forma, poderiam ser perdidas ou esquecidas.

Apesar dessas concepções estarem tão latentes na atualidade, o contexto de enfrentamento e estranhamento sobre o tema, só começaram a ter notoriedade a partir da década de 1990. A partir de então, muitas foram as produções de artigos, teses e dissertações e o assunto foi pauta para muitos grupos de pesquisas e na literatura. No campo literário, os textos, por vezes, empregam uma linguagem mais metafórica e, outras, franca e direta. Paula Bombara (2009) apostou em uma personagem ainda menina, que tentava se (re)conectar com sua história ao questionar as pessoas de seu convívio. Em uma entrevista concedida à Natalia Blanc (2017), Paula Bombara comenta que a história é um modo de contar a própria infância:

Escrevi o romance entre 1998 e 2005. Foi um processo baseado na intuição e experimentação literária, na qual tomei como ponto de partida o que vivenciei na infância. Coloquei em jogo emoções transformadas em um nó de sentimentos e dúvidas, preocupações, incerteza. Para mim, cada autor, cada ficção e cada leitor são universos que se combinam-se de forma imprevisível. Não creio que exista uma forma “indicada” de transmitir histórias; São muitos os caminhos, sempre atravessados pela

Bombara, com apenas três anos de idade, enfrentou a sombra e o peso do desaparecimento de seu pai, na época da ditadura, quando ela e sua mãe enfrentaram o assédio moral e psicológico, como ela mesmo descreve: “Se les miente mucho a los niños. Se les oculta y no se les escucha. Aún con las mejores intenciones, cuando un adulto oculta una verdad, siembra en el niño una interrogación. La pregunta va creciendo a modo de enredadera por el cuerpo” (Bombara, 2013).

Assim, a protagonista vive uma enxurrada de emoções após o desaparecimento do pai, o que - de certa forma - a deixam alienada do que se passa ao seu redor. Esse silêncio, a vida clandestina e os mistérios desenvolvem a trama e uma fuga da sua própria realidade. Essa omissão ou repressão de pensamentos, a fuga do real é reavivada na obra, cujas memórias guardadas daquela época, se expressam na literatura, quando nesse olhar para dentro de si mesma ela descreve uma nova versão do que aconteceu e até então não teve nenhuma explicação plausível. O texto repleto de minúcias e permeado por muitas emoções e recordações explora os pensamentos, questionamentos e situações vividas em um tempo remoto. Nesse contexto, com o enfoque na memória, é possível se aproximar - consideravelmente - da realidade da personagem principal.

Ainda é importante ressaltar que a obra se divide em três partes: a primeira, “A menina” mostra os sinais da tragédia, do que ela vivera ao receber a notícia - mesmo que fragmentada - sobre a morte do pai e sobre um conformismo religioso que ela não entendia:

Digo, ¿papá no me quiere más?

Mamá piensa mucho rato. Me mira. Me quiere hablar. Mamá respira fuerte y se tira en la cama. Yo estoy en la silla. Mamá me mira otra vez y dice, *vení*.

Yo voy y me tiro en la cama Mamá me abraza fuerte.

Mamá dice, *papá se murió*. Mamá tiembla.

Mamá dice, *no lo vamos a ver más porque se murió*.

Mamá dice, tu papá te quiere un montón, ahora te mira desde el cielo.
(Bombara, 2009, p. 19) (grifo nosso)

Na segunda parte do enredo, a menina está mais madura e as questões e dúvidas acerca da morte não esclarecida do pai tornam-se mais complexas e ainda mais frequentes. As reflexões sobre o porquê irem morar em uma singela pensão à beira mar, cujos cômodos não eram sequer parecidos com a casa antiga, as memórias dos tons azuis das paredes e das falácias sobre o passado e a representação da “cobra”, brinquedo criado pela mãe enquanto estava na prisão, com um pano costurado e cheio de alpiste (Bombara, 2009) se tornam um vínculo com seu passado e com seu pai.

Na última sessão, a narradora já é uma adolescente, a maturidade traz consigo os flashes de suas memórias, traduzidos em angústias silenciadas em um profundo pesar de descontentamento. Esses fragmentos emergem como um Fênix, em uma atividade escolar de produção textual, a “Menina” decide escrever sobre um tema de seu interesse: o sumiço de milhares de pessoas na guerra suja.

As memórias que já haviam sido narradas passam a ser fundamentadas em uma pesquisa bibliográfica, já que a história da sua família não era possível de ser acessada dentro da própria casa. Na pesquisa, descobriu que 30 mil pessoas foram silenciadas, 30 mil famílias - incluindo a dela - ficaram desoladas, para que outras tantas 30 mil pessoas pudessem ter um futuro digno, cujas ideias e liberdade de expressão tenham voz e vez.

A narrativa se apoia nas memórias, uma tentativa que impulsiona a reflexão e a liberdade de expressão, mas muito além disso, de libertar-se das amarras do passado, das falsas acusações da memória traumática que assolam por décadas, de uma dívida da memória de quem morreu e se calou para sempre, da denúncia, da renúncia e do legado deixado para as próximas gerações que nem poderiam ser mensurados.

Esperar esperar ¿qué más tengo que esperar? ahora me siento peor que antes la pitufina es mi media hermana pero antes ni lo pensaba ella era mi hermanita y punto ni lo pensaba. Ahora estoy afuera me siento afuera mamá tiene marido otra vez tiene una hija chiquita y yo soy algo que arrastra de antes yo tengo que saber. Tengo que saber porque si no me voy a morir. (Bombara, 2009, não paginado)

O discurso traumático é uma apresentação simbólica sobre essa violência velada, de uma ditadura que viola os direitos humanos nos modos mais subjetivos ligados às relações de poder. Em *El mar y la serpiente*, pode-se considerar que as memórias permitidas para a protagonista são fragmentadas e muitas delas foram apagadas por ficções e histórias verossímeis criadas por seus familiares, por se encontrar em um contexto repressivo. O enredo foi uma tentativa de relembrar o que aconteceu e como aconteceu e reavivar uma geração que perdeu uma parte considerável de sua história e de sua identidade, na busca por respostas:

Yo entiendo lo de la militancia y todo eso pero ¿por qué se fue? ¿por qué se fue? ¿no sabía que era peligroso lo que hacía? ¿qué tipo cabezadura! ¿Por qué no se quedó conmigo? si dicen que yo era lo más importante para él ¿por qué no se quedó conmigo? No entiendo no entiendo la política era más importante. Es eso. Yo no era sólo era su hija ¿por qué? (Bombara, 2009, não paginado)

A protagonista, somente com a identificação de “menina”, também revela, em certa medida, uma não existência, tendo em vista que está alienada da realidade que constituiria sua identidade. Cercada por meias-verdades, a criança cresce sem conhecer o passado e, portanto, sem entender o presente. Se analisarmos do ponto de vista histórico, ela representa os muitos jovens que viveram essa experiência

traumática e estão em busca de sua própria identidade, que reflete o ‘trabalho’ minucioso de Paula Bombara em criar um cenário adequado para representar, em um novo ato, a ditadura argentina. A narradora, ao contrário de aceitar os silêncios do passado, busca ativamente compreender o que aconteceu nesse período histórico.

No entanto, há uma ironia, pois, apesar de suas muitas perguntas durante a infância, ele acaba caindo no esquecimento ao atingir a adolescência. As lembranças que a atormentavam transformam-se em vagas ideias sobre um tempo distante. Essa mudança de perspectiva, do questionamento ativo para a “sufocação” em memórias vagas e em lacunas de tempo e espaço, são descritas como um acontecimento comum:

Los desaparecidos los desaparecidos no son seres de carne y hueso así los desaparecidos con ese nombre. Podría empezar por ahí ellos nunca dejaron de ser personas con nombre y apellido gente que trabajaba que vivía después se los llamó así agrupados por no saber adónde está lo que queda de ellos pero eso nadie lo sabe bah los que los mataron sí pero no lo van a decir. Los desaparecidos son un montón de Juanes Marías Patricias Albertos Silvias Joséses etcétera etcétera etcétera ninguno de ellos jamás se autollamó desaparecido. Papá no tuvo ni tiempo de ponerse a pensar cómo llamarse él tenía su nombre y su apellido y chau. Nosotros les decimos los desaparecidos así. En grupo para que no nos duelan tanto. Voy a probar Algo voy a escribir... (Bombara, 2009, não paginado)

O que sugere uma reflexão sobre como as experiências da infância podem moldar a compreensão do passado, mas também destaca a fragilidade da memória e como algumas narrativas podem ser esquecidas ou distorcidas ao longo do tempo.

4 *El mar y la serpiente* e o contexto argentino

A obra mergulha nas complexidades da memória, trauma e identidade em meio ao contexto histórico conturbado da ditadura militar argentina. A narrativa é centrada em uma protagonista, cujo pai desapareceu durante o regime autoritário. O enredo de *El mar y la serpiente* se desenrola em meio a esse pano de fundo histórico, que ocorreu de 1976 a 1983. Durante esse período, o país enfrentou uma repressão brutal, violações dos direitos humanos, desaparecimentos forçados e censura. O regime autoritário deixou um legado de trauma e silenciamento, especialmente para aqueles que perderam entes queridos ou foram diretamente afetados pelas práticas repressivas do governo. Como desabafa a personagem:

¿A quién quiero engañar? ¡Si es un embole! Pero la redacción ¿por qué no eligió a la vaca, que es tan bonita? Se me ocurren mil cosas sobre las vacas. Encima hay que leerla en el frente. Está loca la profe bueno ¿ella qué sabe? Ni se debe imaginar que tiene a una hija de desaparecido en la dase pero ¿por qué? ¡ni que fuera la única! seguro que hay otros Tal vez es al revés tal vez la profe busca desenmascarnos tiene pinta de que le gusta sacar

los trapitos al sol que nos juguemos y digamos nuestra opinión. Debatir debatir a mí me aburre un poco eso de debatir. No. No me aburre. Me da vergüenza. Al final soy tímida como dice Vane así ninguno me va a dar bolilla tengo que ser como Candela bah ni me gasto jamás voy a poder estar peinada toda la mañana. (Bombara, 2009, não paginado)

A obra de Paula Bombara (2009) aborda as repercussões desse período sombrio, explorando as consequências psicológicas e sociais nas vidas das pessoas comuns. Além disso, ela destaca a luta pela preservação da memória e pela compreensão da própria identidade em um contexto em que a verdade muitas vezes era distorcida ou ocultada e automaticamente, silenciada.

A narrativa se inicia com a protagonista ainda criança, enfrentando o impacto e as perguntas em torno do desaparecimento do pai. Explora a complexidade de comunicar a uma criança a realidade de um desaparecimento em um contexto político repressivo e revela o conflito entre o desejo de proteger a criança da verdade brutal e a dura necessidade de enfrentar a realidade.

Se fue el sol del patio. Mamá tiene los ojos verdes y rojos, parece una monstrea. Lloro para adentro. El abuelo se fue en el auto. La abuela me dio la muñeca que no se toca. Y la toqué. Y le metí el dedo en los ojos y la abuela no me retó. Mamá se sienta en el sillón conmigo. La miro. Digo, ¿y papá? Me dice, no sé. Papá se fue en bici. Papá se perdió. Digo, ¿papá se perdió? Mamá me mira. No habla. Le cae mucha agua de los ojos. Digo, no llores, mami. Digo, ya va a encontrarse. Me duele la panza. Pero no lloro. (Bombara, 2009, não paginado).

Nesse contexto, há a interconexão entre memória e trauma, explorando como essas experiências podem impactar a capacidade de lembrar e compreender o passado. Bombara (2009) aborda as estratégias de esquecimento e a luta para preservar a verdade diante das narrativas oficiais distorcidas, como, por exemplo, os desaparecimentos forçados, durante a ditadura, quando o governo argentino implementou uma política na qual indivíduos considerados opositores políticos eram sequestrados, detidos secretamente e muitas vezes executados. A prática deixou um rastro de dor e incerteza, pois as famílias muitas vezes não tinham informações sobre o paradeiro de seus entes queridos, num contexto verossímil ao que conta a ficção de Bombara (2009).

À medida que a protagonista amadurece, ela se torna mais consciente das lacunas em sua compreensão do passado e questiona ativamente os silêncios que cercam a história de sua família. No entanto, paradoxalmente, à medida que busca respostas, ela enfrenta o esquecimento e a obscuridade das memórias, refletindo uma dinâmica comum em experiências traumáticas.

Assim, a literatura desempenha um papel fundamental na obra, representando uma forma de resistência contra o esquecimento. A protagonista utiliza a pesquisa e a escrita como meios de dar voz às histórias silenciadas, destacando a importância da narrativa - e da literatura - na preservação da memória coletiva.

Por fim, a narrativa avança para a juventude da protagonista, agora uma adolescente. Com a maturidade, ela decide explorar e reconstruir sua história familiar através de uma pesquisa bibliográfica sobre o período da ditadura militar na Argentina. Esse processo representa não apenas uma busca pela verdade, mas também uma tentativa de dar voz às histórias silenciadas e preservar a memória coletiva. O enredo é impulsionado pela busca da protagonista por sua própria identidade, confrontando as lacunas em sua compreensão do passado. A narrativa reflete a experiência de toda uma geração que enfrentou a repressão e buscou entender suas origens em meio a um contexto histórico complexo.

[...] Dije, ¿y si papá vuelve? Mamá dijo, los abuelos le van a avisar en dónde estamos. Hace mucho que estamos en la playa y papá no vino. Los tíos viejitos y el tío Pancho se fueron en el auto. Dijeron, chau y lloré. Mamá y yo vivimos con otros tíos. Tengo muchos tíos. (Bombara, 2009, não paginado)

A especulação por verdade e justiça tornou-se uma parte crucial da narrativa pós-ditadura na Argentina. Muitos indivíduos e organizações têm trabalhado para documentar os eventos da época, identificar os responsáveis pelos crimes e preservar a memória das vítimas. Entretanto, *El mar y la serpiente* concentra-se nas vidas individuais afetadas pela autocracia e os vestígios consequentes. A protagonista representa simbolicamente aqueles que enfrentam a tarefa complexa de entender sua identidade em meio aos traumas do passado. Além disso, o enredo aborda as lacunas na história pessoal da protagonista, que refletem os lapsos ou fragmentos frequentemente presentes nas narrativas familiares devido à repressão e ao silenciamento impostos pelo regime militar.

Essa “busca” da protagonista por respostas e a tentativa de (re)construir a história de sua família refletem o desejo mais amplo da sociedade argentina de conhecer a verdade sobre os eventos da tirania e responsabilizar aqueles envolvidos. Logo, a literatura - na obra - desempenha um papel fundamental na preservação da memória e na resistência ao esquecimento. A pesquisa bibliográfica realizada pela protagonista simboliza a busca mais ampla por documentação e narrativas que desafiam a ‘veracidade’ da narrativa oficial.

Em outras palavras, *El mar y la serpiente* contribui para a compreensão das experiências individuais durante a ditadura argentina, explorando como a memória, a busca pela verdade e a literatura desempenham papéis essenciais na construção da identidade e na resistência ao silenciamento histórico.

Considerações finais

Este artigo analisa a intrínseca relação entre memória e experiências traumáticas, tendo por base o contexto histórico da época e a obra *El mar y la serpiente*, de Paula Bombara. A memória, como vimos, desempenha um papel fundamental

na construção da identidade e na compreensão do mundo ao nosso redor. No entanto, em situações traumáticas, ela pode ser afetada de maneiras diversas, resultando em lembranças fragmentadas, lacunas ou até mesmo em mecanismos de defesa, como a repressão.

É importante destacar que a protagonista da obra de Bombara (2009), ao questionar ativamente os silêncios do passado, acaba caindo no esquecimento ao chegar à adolescência. Esse movimento, comum em experiências traumáticas, ressalta a complexidade da memória e como as vivências da infância moldam a compreensão do passado e a representação do futuro. A literatura, representada pela obra em questão, emerge como uma possibilidade poderosa de questionamento da memória oficial, ao desafiar o esquecimento imposto e privilegiar as narrativas silenciadas.

A análise perpassa o contexto histórico argentino, que por sua vez, foi marcado por golpes de Estado, ditaduras e violações dos direitos humanos, proporcionando o terreno fértil para a emergência de memórias traumáticas. A obra de Bombara (2009) revela a luta da protagonista para desvendar sua narrativa pessoal e resgatar as memórias apagadas pela história oficial. A relação entre memória e trauma é aprofundada ao considerar as diversas formas de resposta da memória, considerando as experiências e vivências em cada particularidade.

Contudo, a importância da literatura na problematização das memórias traumáticas, é de proporcionar uma voz às experiências silenciadas. A protagonista de *El mar y la serpiente* personifica a geração que busca compreender sua identidade em meio às sombras de um passado repressivo. A busca pela verdade, muitas vezes obscurecida por ficções e histórias verossímeis, reflete o esforço contínuo de indivíduos e sociedades em preservar e recordar eventos significativos.

Essa interconexão entre memória, literatura e experiências traumáticas evidencia a complexidade desse fenômeno. A preservação das memórias traumáticas, representada pela narrativa literária, destaca-se como um ato de resistência contra o esquecimento. Assim, esse texto contribui para a compreensão das dinâmicas entre memória e trauma, ressaltando a importância de abordagens multifacetadas para a análise desses fenômenos complexos que permeiam a condição humana.

Em síntese, *El mar y la serpiente* emerge como uma poderosa obra que entrelaça as vivências individuais no contexto da ditadura, oferecendo uma perspectiva sensível sobre o impacto do regime autoritário nas vidas cotidianas. A narrativa, ancorada nas lacunas da memória da protagonista, simboliza as histórias fragmentadas e silenciadas que permearam a sociedade durante esse período sombrio. Ao explorar as intrincadas relações entre memória, trauma e literatura, a obra destaca a importância da busca por verdade e justiça, não apenas para os indivíduos representados, mas para toda uma nação que enfrenta o desafio de reconciliar-se com seu passado traumático. “El mar y la serpiente” ressalta, assim, a resiliência humana diante da adversidade e a capacidade da literatura de preservar as memórias traumáticas, oferecendo uma voz persistente contra o esquecimento e, ao

mesmo tempo, contribuindo para a compreensão mais ampla das dinâmicas entre memória, identidade e resistência histórica.

NARRATIVAS SOBRE UN PROCESO TRAUMÁTICO: LA MEMORIA EN EL MAR Y LA SERPIENTE, DE PAULA BOMBARA.

Resumen: Este artículo traza reflexiones sobre las concepciones de memoria y experiencia traumática en el contexto de *El mar y la serpiente*, de Paula Bombara. El análisis se centra en la protagonista que, al cuestionar los silencios del pasado, enfrenta paradójicamente el olvido de hechos de su infancia vivida durante la última dictadura militar argentina. Es importante mencionar el contexto histórico argentino en la contextualización de la narrativa, marcado por golpes de Estado, violaciones de los derechos humanos y libertad de expresión, territorio propicio para el surgimiento de memorias traumáticas. El argumento revela la lucha de la protagonista para desentrañar su narrativa personal y rescatar memorias borradas por la historia oficial, explorando la relación entre memoria y trauma en diferentes respuestas de la propia memoria, lo que fortalece el papel de la literatura en la lucha contra el olvido, proporcionando voz a las experiencias antes silenciadas.

Palabras-clave: Memoria; Experiencia traumática; Literatura juvenil; Dictadura Argentina.

Referências

BLANC, Natalia. *Literatura infantil: cómo contar la dictadura a los chicos a través de la ficción*. Grupo de Fondo de Cultura Económica, marzo de 2017. Disponible en: <https://www.lanacion.com.ar/cultura/literatura-infantil-como-contar-la-dictadura-a-los-chicos-a-traves-de-la-ficcion-nid1998305>.

Acceso en: 12 Dez. 2023.

BOMBARA, Paula. *El mar y la serpiente*. 3ª ed. Buenos Aires: Norma, 2009.

BOMBARA, Paula. *Ponencia leída en el 17º Foro por el fomento del libro y la lectura de la Fundación Mempo Giardinelli*. In: Blog Desde mi cristal. 2013.

Disponível em: <http://paulabombara.blogspot.com/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CARDOSO, R.M. (2021). Los 30.000 que nos hacen falta: la narrativa necesaria de Paula Bombara. In: *EntreLetras*, 12(2), 255–274. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2021v12n2p255-274>. Acesso em: 08 jun. 2024.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Lima: IEP, 2012.

JELIN, Elizabeth. Memorias en conflicto. In: *Revista Puentes*, Año 1, N°1, agosto 2000.

POLLAK, M. *Encadrement et silence: le travail de la mémoire, Pénélope, pour l'histoire des femmes*. Paris, 12, 1985, 35-39.

Recebido em 19 de abril de 2024

Aceito em 24 de maio de 2024